

OS COMPOSITORES

26/04/1998

Manuscrito Consuelo Lelis

O Impressionismo musical teve as suas consequências também na Espanha, combinado com o ressurgimento nacionalista inspirado no rico folclore espanhol.

Na História da Música a Espanha é um país bastante estranho: começou com um maravilhoso florescimento pré-renascentista, marcado pela produção do Villancico e da literatura de vihuela e alaúde.

O Villancico, de sabor popular e de espontâneo frescor musical surge contemporaneamente às primeiras experiências de canto simples e espontâneo surgidas na Itália com a literatura das frottole, das canzone villanesche, das villote, que na textura de um contraponto simples e vertical já prepara o sentimento harmônico na literatura instrumental.

São originais da Espanha as canções e danças para vihuela remotas antecipadoras da que será um dia a grande literatura de guitarra.

Muitos nomes são importantes e sobremaneira o de Juan del Encina.

Pouco mais tarde também a literatura organística dará seus frutos, principalmente com Cabezón.

Mas o grande século da música espanhola é o século XVI marcado por uma literatura coral de natureza sacra, que pode rivalizar com as melhores escolas da Europa.

Um Guerrero, um Tomaz Ludovico da Vitoria podem ombrear nessa altura com Palestrina e com Orlando de Lassus.

Note-se também que ambos moraram longamente na Itália, servindo inclusive na Capela Vaticana.

Depois disto a tradição musical espanhola parece adormecer, para dar lugar àquele século de ouro marcado pela grande tragédia de um Calderon de la Barca e Lope de Vega, pela comédia de Tirso da Molina e pela presença de Cervantes, além de uma maravilhosa pintura que pode exibir um Velasquez, um Murillo, um Zurbarán, exportando inclusive grandes mestres como Ribera, radicado na Itália e que os italianos afetuosamente chamam de Lo Spagnoletto.

Musicalmente a Espanha vive principalmente de importação italiana, produzindo inclusive uma excelente escola de cravistas em torno de Domenico Scarlatti o qual vive seus últimos anos e morre em Madrid.

A importação italiana é principalmente operística e continua ao longo do século XIX, exibindo uma excelente escola de canto, cujo maior expoente é o grande tenor e professor Manuel Garcia, pai de Maria Malibran.

Desta situação de subserviência deu-se conta na segunda metade do século XIX, Felipe Pedrell, compositor e culto pesquisador do folclore espanhol: de fato ele pode ser considerado o pai da moderna música espanhola.

Mais importante do que a sua produção musical foi a sua atividade de mestre e orientador da jovem geração de então, que conseguiu mudar completamente o panorama da música naquele país tão rico de sensibilidade, de ritmos, de contrastes entre doloridas paixões traduzidas em lindas melodias e de irresistível vitalidade de dança.

O primeiro produto do apostolado de Pedrell foi Isaac Albeniz, catalão mas por assim dizer, naturalizado andaluz.

A Espanha de Albeniz é na verdade a Espanha das esfusiantes cores da Andaluzia, das suas danças, da presença sensível do espírito gitano.

Albeniz foi excelente pianista e começou a sua atividade criativa explorando seu próprio instrumento em peças características, singelas, mais espontâneas do que meditadas.

Mas depois ele fez a quase obrigatória transmigração dos espanhóis em Paris, entrando lá em contato com o Impressionismo e com a presença de Debussy. Mudou assim radicalmente o seu estilo, com harmonias requintadas, com criações meditadas em que o fogo andaluz é filtrado através da finesse parisiense.

Pedrell não ficou muito satisfeito com a transformação do discípulo achando que assim ele se afastava da singeleza do canto popular e dos populares ritmos.

Mas evidentemente Albeniz havia encontrado o seu verdadeiro caminho. Resultado disto são as peças da coletânea intitulada Ibéria. Elas foram escritas para o piano mas mais tarde algumas delas foram instrumentadas pelo próprio compositor.

Vamos ouvir na execução da Orquestra de Valencia dirigida por Manuel Galduf. São elas:

Evocation - quase um preâmbulo a toda a suite.

Corpus Christi em Sevilha - descrição musical daquela solenidade religiosa que é um dos pontos altos da vitalidade sevilhana; é uma religiosidade festiva e solar, animada quase em ritmos de dança, uma religiosidade bem mediterrânea, que pode chegar até as brigas e aos crimes pela rivalidade dos que querem segurar o andor das estátuas sagradas;

Triana - estamos ainda em Sevilha exatamente no bairro das grandes manufaturas de fumo; é aquela Triana cheia de cantos, de ritmos e de gritos da qual um dia sairá a Carmen de Bizet; a aparição da mulher.

El Puerto - evocação do movimento animado de um porto andaluz.

El Albaicin - é um bairro árabe da velha Granada, muito típico, bastante próximo da Alhambra e daqueles jardins do Generalifer que pouco mais tarde inspirarão De Falla. e da

Puerta del Vino.

Música: Ibéria.

As cores do Impressionismo mescladas com a quintessência da lembrança dos sons de uma Espanha mediterrânea ressoam também no Concerto Fantástico para piano e Orquestra opus 78 que vamos ouvir com o pianista Enrique Pérez de Gusmán e com a Orquestra de Valencia regida por Mauel Galduf.

Música: Concerto Fantástico.

A uma geração mais jovem pertence Joaquim Rodrigo que quase milagrosamente, do fundo da cegueira soube captar sons e perfumes da natureza espanhola, das suas tradições e da sua espiritualidade.

Apesar de numerosas obras vocais e instrumentais Rodrigo preferenciou a guitarra que nessa altura já havia alcançado na Espanha a sua idade de ouro: é a guitarra de(?), Tarrega e de Segovia, reatando os laços daquela tradição que remonta à Idade Média.

A obra mais conhecida de Rodrigo nesse terreno é o Concerto de Aranjuez. Aranjuez é uma pequena cidade não muito longe de Madri onde os reis de Espanha tinham as suas residências de verão no meio de bosques e campinas banhadas pelo rio.

]

Nesse concerto parece possível captar a animação nobre e vivaz daquele parque dos velhos tempos, o galope dos cavalos, a movimentação graciosa dos animais silvestres, a tentação de tantos pavilhões que possivelmente escondiam amores secretos e mais secretas traições.

Mas o ponto alto do concerto é o segundo andamento, baseado numa melodia intensa e generosa, quase síntese do espírito lírico espanhol.

Como é óbvio não é mais a esfuziante Espanha da Andaluzia, mas a comedida e ao mesmo tempo emocionada Espanha da Castilha.

Com o guitarrista Narciso Yepes acompanhado pela Orquestra Sinfônica da Rádio e Televisão Espanhola sob a regência de Odón Alonso vamos ouvir o Concerto de Aranjuez de Joaquim Rodrigo em seus três andamentos respectivamente Allegro con spirito, Adagio e Allegro gentili.

Música: Concerto de Aranjuez.

Para a guitarra, aliás, para duas guitarras Joaquim Rodrigo escreveu também um concerto madrigalesco com orquestra. A formação de duas guitarras com orquestra é bastante rara embora sejam numerosos os duos camerísticos no próprio Brasil.

O repertório com duas guitarras e orquestra enriqueceu-se há alguns anos com uma obra interessante do compositor uruguaio Guido Santórsola que já foi regente titular da Orquestra

Sinfônica de Minas gerais no fim da década de quarenta.

Do Concerto Madrigalesco de Rodrigo fragmentado em muitos números, alguns dos quais de curta duração, vamos ouvir quatro fragmentos a saber:

Fandango, a típica dança espanhola da qual provém o flamenco assim como a habanera cubana;

Pastorcico -elaboração instrumental de uma melodia popular que diz "Pastorcico tu que vienes, Pstorcico tu que vás";

Zapateado - dança brilhante e virtuosística que alterna as batidas das pontas dos saltos dos dançarinos; e finalmente

Caccia a la spañola - A Caccia é uma composição que aparece em 1300 na Ars Nova Florentina baseada no canon das vozes que correm uma atrás da outra como numa caçada; é portanto uma remota antecipação da Fuga.

Música: Concerto Madrigal para dos Guitarras y Orquestra.